

O discurso da BNCC entre o transmitir e o aprender: a dialética que virou dilemática

Lia Silva Fonteles Serra
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
liafonteles@gmail.com

Em uma pesquisa, assim como em uma análise pessoal, partimos de uma questão. Em um caso ou em outro, há a enunciação de um inconsciente, o que torna os campos da psicanálise e da educação aproximados por uma interseção: o sujeito. Por isso a psicanálise opera enquanto potência teórica no sentido do desvelamento dos impasses que se formam em torno da educação quando o discurso que a rege – o pedagógico – passa a ser marcado por artifícios que excluem o sujeito.

É em torno desse ponto que nossa questão de pesquisa se esboçou ao tomar a oposição dilemática entre transmissão e aprendizagem como elemento que demonstra a incidência na educação de um discurso cujo funcionamento se tece fora da dialética subjetiva.

Vimos que isso começa a se esboçar a partir do rompimento cultural com a tradição, historicamente marcado pela virada neoliberal dos anos 1970, quando vimos a tecnociência assumir as rédeas da nossa cultura, o que contingencialmente transformou nossas posições discursivas na medida em que ampliou a circulação do discurso do capitalista em nossa sociedade. Essa ampliação favoreceu a tomada pelo discurso pedagógico de teorias cuja articulação entre biologia e psicologia do desenvolvimento tornavam-nas favoráveis à elaboração de um pensamento educacional que propunha uma educação livre dos incômodos impostos pela subjetividade. Desse modo, o sujeito desse discurso passa a ser o sujeito epistêmico, encerrado em sua racionalidade, o qual se diferencia do sujeito da chamada educação tradicional pelo lugar que ocupa na cena educativa. O centro de gravidade dessa cena se transforma, deslocando o seu eixo para o aluno e, assim, a aprendizagem passa a ser o foco das preocupações educacionais.

Com isso, temos um discurso votado à aprendizagem e desligado da tradição, o que resulta em rechaço ao que possa ser da ordem da transmissão, erguendo, assim, uma relação dilemática entre transmissão e aprendizagem. Essa relação se constrói pela oposição entre esses elementos. Passamos a sustentar um discurso pedagógico em que transmissão e aprendizagem não caminham juntas, como se uma fosse fator de exclusão

da outra. Esse discurso acaba por identificar transmissão como referente da educação chamada de tradicional e aprendizagem como referente da educação progressista, implantando um movimento de afastamento, a todo custo, entre essas duas posições frente à educação. Esse afastamento, que ainda preservava algum relativismo até os anos 1970, tornou-se absoluto a partir do rompimento cultural com a tradição.

A psicanálise, enquanto dispositivo teórico, nos permitiu desvelar esse impasse na medida em que sustenta, a partir da dialética subjetiva, a impossibilidade de separar transmissão e aprendizagem. É por essa via que podemos observar que a relação dilemática construída pelo discurso pedagógico contemporâneo acaba por excluir o sujeito da cena educativa.

Nossa tese, portanto, consiste em afirmar que o documento da Base Nacional Comum Curricular brasileira, na mesma esteira do discurso pedagógico ocidental mais amplo, apresenta em seu texto marcas do discurso capitalista que colocam transmissão e aprendizagem em uma relação dilemática.

Demonstramos essa afirmação a partir de seis categorias que retiramos do texto – Educação Baseada em Competências, Educar como Técnica, Inovação, Projeto de Vida, Aprendizagem como Direito e Aluno Autônomo – levantando os aspectos que levam tais categorias a se inserirem na lógica discursiva do capitalista, a qual gera o efeito de expulsão do sujeito, uma vez que se baseia na não formação de laço, promovendo um discurso fechado, votado ao consumo e, portanto, fadado a ser consumado.

A partir desses elementos que promovem um deslizamento do discurso do texto para o discurso do capitalista, demonstramos alguns desdobramentos que geram efeitos na educação. Tais desdobramentos apontam para a relação de oposição entre transmissão e aprendizagem sobre a qual estamos nos referindo.

O primeiro deles disse respeito à autoridade. Observamos duas vias pelas quais o texto da BNCC acaba por dificultar a construção de relações de autoridade que, como vimos, são condição para a transmissão. Essas vias são o autonomismo e a potência.

Vimos que o texto do documento trata, em alguns de seus trechos, a autonomia do aluno como um autonomismo, caracterizado pela confusão entre autonomia e liberdade social e política. Trata ainda a potência do aluno, essencial para que este possa emergir em sua força a fim de que crie saber, como uma potência voltada a um quantitativo referente à eficácia de resultados.

O ponto crucial para a demonstração da nossa tese, a partir da questão da autoridade, encontra-se na tendência que o discurso do texto apresenta em transformar o

que é da ordem da transmissão – o laço – em relação de poder. Funciona, assim, eliminado o poder pela via da eliminação do laço. Por essa via, junto ao laço elimina também a autoridade. É nesse ponto que o discurso, ao tomar o aluno como autônomo e potente, nos moldes em que apontamos, levanta a bandeira da aprendizagem (que é centrada no aluno) em oposição à transmissão (que, ao entrar no registro do poder, deve ser eliminada).

O segundo desdobramento disse respeito à oposição entre conhecimento e saber. Nesse capítulo vimos que o texto da BNCC traz muitos elementos que apontam para noções de educação enquanto técnica aplicada e enquanto prática crítico-reflexiva. Nos dois casos, estamos diante de um discurso que, ao enfatizar o conhecimento, suprime o que é da ordem do saber. Ao suprimir o saber, revelando o ideal de sujeito epistêmico em jogo, esse discurso desprende a educação da produção de sentido, desconstruindo a ideia de experiência no trajeto educativo.

Uma educação voltada ao conhecimento supõe que devem estar presentes na prática educativa experimentos que levem os sujeitos a construir conhecimento. Porém, não levam em consideração que, essa construção necessita de sentido, o que acaba por levar muito mais à reprodução de um conhecimento já existente fora do sujeito, que tornar esse conhecimento seu. É pela elaboração de sentido que o saber pode ser produzido, portanto, o experimento por si não gera saber, a não ser que entre no registro da experiência.

Nesse sentido, se o que importa é o sujeito epistêmico, então é do conhecimento e não da experiência que se trata, uma vez que com esta, o saber e todos os seus percalços são colocados em jogo. Assim, o discurso supõe que conhecimento pode ser concebido separado de saber. Nessa esteira, podemos pensar que a aprendizagem, foco do discurso pedagógico contemporâneo, ao se centrar no aluno e em sua atividade, requer deste a apropriação de conhecimentos, enquanto a transmissão opera em torno da produção de saber, o que nos permite dizer que a mesma operação que separa conhecimento de saber, também separa aprendizagem de transmissão.

Por fim, entendemos que todo esse movimento aponta para uma fantasia de apagamento do horizonte do impossível. Observamos que podem ser encontrados em todo o texto da BNCC elementos que nos apontam para um modo específico de defesa frente ao real: o apagamento. Esse modo específico é característico do discurso do capitalista, que elimina qualquer falha que possa advir do sujeito, implantando um circuito fechado que se retroalimenta vorazmente e que, como tal, é fadado à consumação.

É esse modo de defesa que marca a diferença do discurso pedagógico contemporâneo dos anteriores, pois mais que negar ou esconder, o *modus operandi* do discurso capitalista é eliminar o peso da subjetividade. Assim, quando este faz marcas no pensamento educacional, assistimos a um movimento de exclusão do sujeito da cena educativa, o que é problemático, uma vez que sua potência está no impossível que nos circula e nos toca.

Esta pesquisa, ao escandir os termos da gramática da educação contemporânea, visou, a partir da exploração da ambivalência interna de suas proposições, enxergar aquilo que produz o efeito de expulsão do sujeito, contribuindo, na esteira do que aponta Debieux Rosa (2004, p. 340), “para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DEBIEUX-ROSA, Miriam. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. IV, n. 2, p. 329-348, 2004.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006

LACAN, Jacques. Televisão. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008 (Seminário Original de 1964).

LACAN, Jacques. La Troisième. **Lettres de l'Ecole freudienne**, n. 16, Paris, nov. 1975.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Lacan, J. (1972). Conférence à l'université de Milan. Disponível em: <<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>>. Acesso em: 26 out. 2017.